

FREDERICO CARDIGOS

Voo do Cagarro

Okeanos, uma fábrica de descobrir o mar



Ao reler uma crónica que escrevi a bordo do navio de investigação Arquipélago para a revista Mundo Submerso em 2003, foi-me impossível não refletir no que mudou entretanto. Eram duas e meia da manhã. Estávamos ao largo do Pico, e eu olhava para três monitores, a verificar a qualidade da informação recolhida pelos sensores subaquáticos naquele instante. Estava meio entediado e tinha saudades dos mergulhos das semanas anteriores, quando contara organismos subaquáticos nas Formigas e recolhera amostras geológicas no banco D. João de Castro. Hoje, pergunto-me em que se transformou a investigação que fazíamos então, debaixo de água ou num ecrã. Três trabalhos ilustram bem essa época.

Começo pelo D. João de Castro, entre a Terceira e São Miguel. Faltam apenas treze metros para o cimo deste vulcão chegar à superfície. Em 1999, o Delfim, um pequeno veículo autónomo, navegou à superfície enquanto media a profundidade. No mapa então desenhado distinguia-se a antiga cratera e, nas imagens de sonar, viam-se as plumas das emissões hidrotermais. Quem se prepara para saltar borda fora percebe bem a utilidade da robótica. Com aquele mapa como base, passámos a poder escolher onde mergulhar e onde recolher amostras com uma enorme precisão. Publicámos os resultados em artigos a partir do ano 2000.

Mas o que vivia ali, afinal? Num artigo de 2005, descrevemos duas zonas de emissão. A dos tapetes brancos de bactérias estendia-se dos 20 aos 45 metros de profundidade. Na das bocas amareladas, entre os 18 e os 25 metros, os fluidos chegavam até aos 64 °C. E os animais de maior porte? Eram semelhantes aos de outros bancos e da costa açoriana. Quem conhecesse apenas as célebres fontes do mar profundo dificilmente adivinharia este resultado. Até no mesmo arquipélago é preciso ir ver.

Em 2006, publicámos um inventário em que classificámos como introduzidas nos Açores 12 espécies de algas e 21 de invertebrados marinhos. Para outras 18 espécies, a origem continuava incerta. Uma das algas, a Caulerpa webbiana, tinha sido detetada em 2002, por fora do molhe do porto da Horta. Em poucos anos tornou-se dominante em alguns locais. Seguiram-se mergulhos para cartografar a expansão e ensaios de remoção. Conseguiu-se reduzir a sua cobertura em certas zonas, embora a alga por cá continuasse. Eis para que serve conhecer um porto por baixo de água.

É particularmente com estes três trabalhos em mente que olho para o herdeiro da tradição científica do Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores, o Instituto Okeanos, na Horta. Continuo a reconhecer o gosto de inventar instrumentos à medida das perguntas. Em 2019, uma equipa construiu, com componentes disponíveis no mercado, uma câmara capaz de filmar o fundo até aos mil metros de profundidade! Em julho deste ano, a câmara filmou grandes colónias de corais-negros nas encostas submarinas a norte de Santa Maria.

Mas a aventura do conhecimento está longe de terminar por aí. Num projeto sobre lapas, por exemplo, propõe-se cruzar mapas tridimensionais das zonas de apanha com o saber dos apanhadores para identificar, com eles, onde a pressão da apanha justifica medidas de proteção particulares. Na rede de áreas marinhas protegidas, um novo projeto junta imagens de satélite e observações no mar para acompanhar o estado do ambiente depois de se traçarem os limites de utilização. A meu ver, estes são excelentes argumentos a favor da estratégia do Okeanos. Os Açores reforçam assim a sua capacidade de verificar, por meios próprios, se as medidas que adotam para o seu mar estão a resultar.

Entre tantos outros, os cetólogos do Okeanos escutam o mar e seguem as rotas das grandes baleias. Quem estuda as pescas avalia o estado das populações de peixes que nos chegam ao prato, como o goraz e a abrótea. E há quem explique, como se leu há dias nestas páginas, de que modo o oceano profundo ajuda a regular o clima.

Se o Okeanos fosse uma empresa, seria das mais importantes do Faial. Em 2025, só o corpo técnico reunia 64 pessoas, entre pessoal de laboratório, informática, manutenção, administração e marítimos. Das empresas que o INE contabiliza no concelho da Horta, apenas duas têm 50 ou mais pessoas ao serviço. O Okeanos seria a terceira.

Há mais de vinte anos, eu queria saber o que havia no fundo do banco D. João de Castro, nas encostas do Monte da Guia ou perto dos ilhéus das Formigas e porquê. Hoje, gosto de pensar que uma rapariga ou um rapaz do Faial pode fazer uma pergunta igualmente sua, encontrar na Horta quem saiba construir o aparelho de que precisa e embarcar para ir descobrir a resposta. E que, no regresso, haverá um pescador, um apanhador de lapas ou uma comunidade inteira com boas razões para querer ouvi-la. ■

** Frederico Cardigos é biólogo marinho no Eurostat. Este é um artigo de opinião pessoal. As ideias expressas neste artigo são da exclusiva responsabilidade do autor e podem não coincidir com a posição oficial da Comissão Europeia. A redação deste texto contou com o apoio da versão avançada da plataforma de inteligência artificial ChatGPT (OpenAI).*



TIAGO SIMÕES SILVA

Reflexões Crónicas

Caminhos e Trilhos com História

Decorreu este mês a 5ª edição do "Descobrir a História. Pensar o Futuro", dedicado ao tema "Caminhar".

A formação para os guias turísticos, as mesas redondas e o trilho percorrido no último dia permitiram debates e momentos de reflexão sobre os trilhos existentes no Faial e do seu potencial hoje, mas também sobre o seu significado histórico e valor patrimonial. Noutras edições tínhamos já abordado a construção humana da paisagem "natural" dos Açores e pensado o espaço rural, onde os vestígios do passado são cada vez mais escassos e a compreensão da vivência rural que chegou ao século XX cada vez mais distante e menos perceptível. Este ano refletimos sobre as formas de mobilidade antigas e o que resta delas, e pudemos ainda ouvir ainda alguns testemunhos directos e indirectos de como, até aos meados do século passado, se faziam as deslocações nas nossas ilhas.

Compreender como era visto e vivido o território até há cem anos ou menos é hoje um exercício difícil para a maioria de nós, em tempo de automóveis e estradas que chegam a todo o lado e unem todos os pontos habitados das ilhas. Mas num passado não muito distante eram comuns as deslocações a pé e os povoados isolados, de onde se saía mais facilmente de barco para ir à vila ou à cidade do que por terra. O meio de transporte mais comum era andar a pé, depois o burro, e o carro de bois apenas para cargas pesadas. Os pequenos barcos à vela serviam também de transporte entre freguesias ou de uma ilha para outra, no caso das mais próximas, como o Faial e o Pico, que sempre tiveram uma forte ligação. As elites da vila da Horta andavam de cadeirinha*, sobretudo as senhoras, muito poucos tinham cavalos e só um número muito pequeno de famílias tinha carruagens de algum tipo. Mesmo os mais abastados, que passavam os períodos estivais no Pico ou na Praia do Norte (zonas de vinha), iam de barco e levavam tudo para as suas casas de férias em cada deslocação, desde os móveis aos aparelhos de cozinha.

A população que habitava as freguesias rurais circulava sobretudo em caminhos pedonais nas zonas circundantes, para ir às terras ou ao mato, mais raramente a outras freguesias ou à vila/cidade. Mas havia casos excepcionais, como os vendedores e vendedoras que vinham das freguesias ao mercado, as lavadeiras dos Flamengos ou as mulheres de Castelo Branco que, ainda no século XIX, tinham muitas vezes de vir abastecer-se de água à Horta, quase tudo percursos feitos a pé.

Vários dos percursos pedonais que têm sido ultimamente recuperados são testemunhos destas vivências, como o troço do Trilho dos Baleeiros que liga a Fajã da Praia do Norte aos Capelinhos, passando pela zona histórica de produção de vinha (documentada desde o século XVII) e que percorre parte de uma



estrutura de pedra que corresponde a um dos caminhos históricos da ilha (na fotografia). ■

cham.tss@gmail.com

** Pequeno veículo fechado para uma pessoa, que era carregado por dois homens.*